

Qualidade surpreende no Rio ²⁰

MURILO FIUZA DE MELO

O alto preço da mensalidade da escola particular foi o principal motivo que levou a enfermeira Iara Márcia Figueira de Lima a tomar uma decisão que ainda é muito difícil para famílias de classe média: matricular os filhos em uma unidade da rede pública de ensino. Depois de uma crise no orçamento doméstico, provocada pelo fechamento da micro-empresa do marido, em agosto do ano passado, Iara não teve outro jeito senão colocar os filhos Vinícius, de 8 anos, e Caio, 6, na Escola Municipal Baltazar Pereira, na Tijuca, Zona Norte do Rio.

Na época, Iara gastava 75% do seu salário de R\$ 800 com a escola dos meninos, sem contar as despesas extras como a compra de material e dinheiro para lanches, passeios e uniformes. Como toda a mãe de classe média, ficou temerosa. “Minha maior preocupação era com a mistura de meninos de níveis sociais diferentes e a tão falada decadência do ensino público”, diz. O preconceito também vinha de fora. “Vários vizinhos me chamaram de maluca, outros diziam que meus filhos estavam estudando para ser marginais”, conta.

Hoje, Iara não se arrepende da decisão que tomou. “Não tenho o que reclamar da escola. Esta história de que o ensino particular é melhor do que o público não passa de mito”, afirma. A cada ano cresce o número de pais que, forçados pelo alto custo das mensalidades, tiram os filhos de escolas particulares e, depois, se surpreendem com o que encontram nas escolas públicas.

Em 1995, a rede municipal de ensino do Rio recebeu 8.153 alunos provenientes de escolas particulares. Em 1996, o número quase dobrou: 14.780 alunos matriculados se encaixavam nesse perfil. O município tem a maior rede escolar da América Latina, com 1.033 unidades e 38 mil professores. São todas escolas de ensino básico e 1º grau. Em 1997, serão oferecidos 120 mil novas vagas.

Cobrança — Para a secretária municipal de Educação, Carmem Moura, o aumento de filhos de classe média entre os alunos da rede é positivo. “Há uma cobrança maior dos pais pela qualidade. Por outro lado, há um reconhecimento de que o ensino público começa a melhorar”, diz Carmem, que, de acordo com o orçamento aprovado pela Câmara Municipal, disporá este ano de uma receita de R\$ 494 milhões — R\$ 46 milhões a menos do que foi gasto em educação no ano passado. “Estamos tentando aumentar nossos recursos orçamentários”, adianta.

A secretária explica que um dos resultados da cobrança por qualidade no ensino público é a criação de conselhos, nos quais pais, alunos, professores e diretores discutem e propõem soluções para os problemas da escola. “O próprio diretor é eleito pelo conselho para um mandato de dois anos”, diz.

A professora Marirosa David, diretora da Escola Municipal Lourenço Filho, no Grajaú, na Zona Norte, dá um exemplo da eficácia dos conselhos: “No ano passado, conseguimos comprar uma máquina copiadora graças à mobilização dos pais e alunos, que conseguiram o dinheiro através de festas e bazares”.

Mobilização é a palavra-chave entre os alunos da Escola Lourenço Filho, considerada uma das melhores do município. Em 96, eles conseguiram juntar 52.800 latas de alumínio que foram trocadas por 16



Maria Cristina (D) e Eliana elogiam a oportunidade que têm de influir no ensino ministrado aos filhos

ventiladores para as oito salas de aula. Este ano, o objetivo é atingir o número suficiente para comprar um microcomputador. “Queremos informatizar a escola”, afirma Marirosa, que administra a educação de 586 alunos — dos quais, pelo menos a metade veio de colégios particulares.

É o caso dos gêmeos Leonardo e Felipe, de 12 anos, que cursam a 7ª série. Segundo a mãe, Eliana Lyra Pessoa, funcionária da Embratel, os meninos estudaram até a 4ª série em escola particular. “A mudança não interferiu em nada, tanto que eles estão perfeitamente integrados com o ambiente”, diz. Como a enfermeira Iara, Eliana também ficou com um pé atrás quando tomou a decisão de colocar os filhos na Lourenço Filho, mas a dificuldade de pagar a mensalidade de R\$ 150 por cada filho não lhe deu outra alternativa.

“Querida saber tudo sobre a escola. Procurei a Marirosa e fui muito bem tratada. Hoje estou satisfeita com a escolha que fiz. Aqui, a carência é superada pela dedicação de um trabalho de equipe”, elogia. A opinião de Eliana é compartilhada pela pensionista Maria Cristina Afonso de Melo, mãe de Cristiano, de 12 anos, matriculado na 6ª série. As duas, no entanto, apontam como principal problema da rede municipal de ensino a média curricular para aprovação por série. Hoje, para passar de ano, o aluno só precisa ter no boletim uma nota quatro. Outro aspecto negativo é a baixa remuneração dos professores. “Acho que eles até mostram muito empenho para trabalhar, apesar do salário”, ressalta Eliana.

Segurança — Mas nem sempre foi assim. Marirosa conta que quando assumiu a direção da escola, em 1988, muitos professores mal apareciam para dar

aula. A Lourenço Filho também sofria com a falta de luz. “À tarde, a luz ia embora e as aulas tinham que ser suspensas. Isto quase todos os dias”, lembra. Na base do diálogo, a diretora conseguiu elevar o ânimo dos professores e aumentar a frequência. Quanto à luz, a prefeitura solucionou o problema. Hoje, Marirosa só reclama da falta de segurança. Em setembro, o único guarda municipal que tomava conta da escola foi descolado por determinação do então prefeito César Maia.

Marirosa queixa-se também de uma infiltração crônica no telhado do prédio, construído na década de 30, que já destruiu móveis e instalações elétricas. “Várias empresas estiveram aqui para fazer o conserto, mas nunca conseguiram acabar com o problema”, reclama.

Como as outras escolas do município, a receita do Lourenço Filho é formada pelos recursos do Fundo Rotativo, da caixa escolar — uma contribuição mensal voluntária paga pelos pais —, de festas e bazares e da venda de uniformes. A verba do fundo é repassada pela Secretaria de Educação durante o ano, de acordo com a necessidade da escola. Cada diretor, no entanto, tem direito a cinco cotas do fundo por ano.

Somando todas as fontes de recursos, Marirosa conseguiu R\$ 11 mil para gastar no ano. Dinheiro que, segundo ela, não é o suficiente, mas dá para “quebrar o galho”. “A nossa escola não faz feio diante de nenhuma outra particular de nível médio da cidade”, orgulha-se a diretora. O ex-aluno de escola particular e, agora, cursando a 7ª série da Lourenço Filho, Bruno Alvez Baptista, de 14 anos, confirma: “Aqui a gente aprende a conviver com as diferenças sociais”.